

O REBATE

PROPRIEDADE DAS COMISSÕES DO P. R. P., EM LISBOA

Director — ANTONIO JOSÉ CORREIA

CHEFE DE REDACÇÃO — JOSÉ DO VALE — ADMINISTRADOR — MANUEL J. SANTOS

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E COMPOSIÇÃO
Travessa da Agua de Flor, 33, 1.º — LISBOA
EDITOR: Raul das Neves Lopes
TELEFONE 3475 N.
IMPRESSÃO — Rua da Atalaia, 114 e 116

Anuncios: 1.ª página, 1000
e linha; 2.ª, 500; 3.ª, 300. Sec-
ção de anuncios (medida estre-
ta, 40 e linha). — Todas estas pu-
blicações são contadas pelo lino-
metro de corpo 6. — Repetições
preço convencional.
Assinaturas: Lisboa, 1.º trimestre, 1500;
600; Provincias, trimestre, 1500;
Colónias, trimestre, 500; Es-
trangeiro, trimestre, 3000.
Número avulso, 200 centavos;
Depois do dia de publicação, 300
centavos.

JUSTIÇA IMPLACAVEL

**Perante a lama que chafurda neste momento na sociedade portuguesa, só exigimos justiça implacavel contra os criminosos, seja qual for a sua categoria. Que nenhum deles escape. Assim se dignificará a Re-
—: publica. Só a impunidade dos criminosos a pode envergonhar :—**

Pela aplicação dessa justiça severa pugnaremos intransigentemente

O NOVO GOVERNO

Está constituído o novo go-
verno organizado pelo nosso
ilustre amigo e eminente co-
religionario sr. Antonio Maria
da Silva, em nome do Partido
Republicano Português.

E' composto por individua-
lidades conhecidas, já experi-
mentadas nos negocios publi-
cos e com serviços á Patria e á
Republica. Esse facto dá-lhe um
certo prestigio.

Preside á nova situação po-
tica um republicano que todo
o país conhece: o sr. Antonio
Maria da Silva, cujos meritos e
qualidades são brilhantes, re-
veladas ha muito em isenção e
sacrificios inexcediveis. Os pro-
prios detractores não lhe ne-
gam esses meritos e qualidades,
antes os acentuam, atacando-os,

Não conhecemos ainda o
programa do novo governo,
mas, com certeza, não se des-
viará do programa apresentado
pelo ultimo governo da mesma
presidencia, que uma cabala
politica, sem grandesa, nem in-
teligencia, nem espirito, fez
cair, após vinte e tantas horas
de vergonhosa politiquice.

Havia nesse programa o pro-
posito de servir o país dedica-
damente, tranquilizando-o, re-
solvendo os seus problemas
mais instantes, rodeando-o do
prestigio de que tanto necessi-
ta para solucionar as questões
que o agitam.

Com essas disposições, que
são as do Partido Republicano
Português, o governo, com o
apoio parlamentar e extra-par-
lamentar, deve singrar, traba-

lhando intemeratamente e cria-
ndo uma atmosfera de confiança.

Torna-se indispensavel que
os verdadeiros patriotas coope-
rem com ele, dando-lhe o apoio
necessario para a realização do
trabalho que se impõe. Não
tem os componentes do go-
verno responsabilidades nos
ultimos acontecimentos, a que
apenas assistiram como espec-
tadores e isso é motivo para o
estafado debate parlamentar
não se prolongar como estúpida
e criminosamente tem succedido,
fazendo-se a mais baixa intriga
a proposito da renção do gru-
po governamental.

Como republicanos, a solu-
ção da crise agrada-nos absolu-
tamente.

O presidente do novo gover-
no inspira-nos a mais absoluta
confiança pelo seu republica-
nismo, pela sua honestidade e
pela sua sinceridade.

Comisso pensa a massa par-
tidária que ainda ha pouco,
após uma violenta campanha,
se colocou ao lado do prestigioso
leader da maioria democratica,
dando-lhe o mais sincero aplau-
so e entusiastico apoio.

Quem recebeu essas provas de
confiança e estima ha de hon-
rá-las, mantendo firmemente a
orientação do Partido Republi-
cano Português.

Assim, o *Rebate*, órgão das
comissões politicas partidarias
de Lisboa, saudá sinceramente
o novo governo, convencido de
que ele conseguirá com intran-
sigencia os seus deveres patrio-
tico, republicano e partidario.

SITUAÇÃO POLITICA

Ficou ontem solucionada a
crise politica. O sr. Antonio
Maria da Silva que fôra encar-
regado de organizar ministerio
esteve ás 11 horas em Belem,
conferenciando com o sr. Pre-
sidente da Republica e ás 17
horas e meia voltou ali, apresen-
tando o seguinte elenco minist-
erial:

Presidencia e Interior, Anto-
nio Maria da Silva.

Justiça, Catanho de Menezes
Finanças, Marquês Guedes
Guerra, José Mascarenhas
Marinha, Pereira da Silva
Estrangeiros, Vasco Borges
Agricultura, Torres Garcia
Comercio, Gaspar de Lemos
Instrução, Santos Silva
Colónias, Vieira da Rocha

Do governo, só o sr. Mar-

ques Guedes, toma pela primei-
ra vez conta de uma pasta mi-
nisterial.

O governo toma posse hoje,
ás 15 horas, depois de ir ao
Palacio da Presidencia. A sua
apresentação ao parlamento só
se realizará depois das ferias.

Homenagem ao vereador dr. Alfredo Guisado

Da Associação do Registo Civil

Hoje 20, tem lugar, pelas 21 horas na
sede desta colectividade, uma sessão
solene em que será prestada homena-
gem ao digno Vereador da Camara Mu-
nicipal de Lisboa, dr. Alfredo Guisado,
pelo brilhante resultado dos seus es-
forços dentro daquela Camara, consue-
do e funcionamento do forno crematorio.
Nessa sessão a que presidirá o sr. dr.
Magalhães Lima e para que será con-
vidada a Ex.ª Camara Municipal de
Lisboa, farão uso da palavra os srs.
srs. Alexandre Ferreira, Ladislau Ba-
talha, Carlos Simões Torres e Paulo
Caldeira.

A entrada é publica.



ANTONIO MARIA DA SILVA
(PRESIDENTE DO NOVO MINISTERIO)

DIARIO LIVRE

ASPECTOS & IMPRESSÕES

O que pretendem, afinal, os moralistas
que tanto se manifestam a proposito do
caso do Banco Angola e Metropole? Mo-
ralidade? Justiça implacavel? Uma se-
vera applicação doCodigo Penal? O ex-
terminio dos criminosos? Nem pensar
nisso é bom. Bem se importam eles com
o delictol Alguns ha que só se preocu-
pam pelo facto de não serem solidari-
os na fraude. Outros invejam não ter
conhecido o processo que os enriquece-
ria. Ainda outros, experientes, confes-
sando que os rapazes não eram tolos
dizem apenas que se precipitaram.

De resto, não soubemos que os auto-
res da mais formidavel burla dos ulti-
mos tempos fossem excluidos da socie-
dade elegante que frequentavam pelo fa-
cto de não se saber ao certo de onde
lhes vinha o dinheiro. Essa sociedade
aceitou-os e aproveitou-se das notas de
quinhentos escudos com a mais absoluta
sem-cerimonia. Essas notas passavam
facilmente e não escaldavam. Eles pa-
gavam tudo, emprestavam, sem pensar
em receber, davam gorjetas, ofereciam
brindes valiosos, portavam-se principes-
camente, e, por consequencia, todas as
portas se lhes abriam sem difficuldades.
Gente de meia tijela no caracter, na in-
teligencia e na fortuna, muito capaz de
repelir um homem honesto de botas
cambadas, classificando-o de malandro
curvava-se diante deles em sumbaies
servis, deslumbrados pelas joias que fa-
ziam brilhar ás lampadas electricas das
casas de batota... Homens graves, edu-
cados na moral passavam de ser obedien-
tes a quem é mais forte, perdoavam-lhes
benevolamente as loucuras, porque «os
rapazes divertiam-se». Nos seus escritó-
rios existiam, pelo que vemos no noticia-
rio dos jornais, cartas de muito gente
pedindo dinheiro. Pessoas de negocio
criam contratos com eles, porque paga-
vam bem, e venderiam a propria Patria
em troca de uma mala de notas.

Mas agora chegou a furia da morali-
dade na generalidade dos casos como
protesto contra o facto de não terem
comparticipado daquela bacanal de ouro.
Ainda ha dias o nosso barbeiro, que
tem a mania de filosofar, se referia ao
facto com indignação:
— Malandros, a idea que tiveram...
A navalha corria-nos pela face e ele,
sem se calar, ia comentando:
— Eles no luxo e eu aqui a trabalhar
como um moiro...
Continuava a navalha a girar, pela
sua mão nervosa e, subito, parando-a:
— Que o negocio não foi mau... Pena
tanta de não me terem dado algumas
notas...

Nó, que ouvimos tudo impassivel-
mente, — em barbearias não converso-
iamos pensando que é isso, de facto, a
moral da grande maioria dos protes-
tantes.

Devemos dizer que, bem no fundo da
questão, noventa por cento dos que pro-
testam, fazem-no apenas pelo facto de
não estarem ligados á intrugice.

Ha outros aspectos de moralidades
que ficam para depois.

José do Vale.

Presidente da Republica

O sr. Presidente da Republica re-
cebeu ontem em audiencia particular, os
srs. general Pereira dos Santos, chefe
do Estado Maior do Exercicio, general
Alves Roçadas, comandante da 1.ª Di-
visão, general Correia Barreto, senado-
res dr. Augusto de Vasconcelos, general
Roberto Baptista, Ribeiro de Melo e dr.
Catanho de Menezes, que foram apre-
sentar-lhe as saudações do Senado.

Comissão Paroquial de Santa Isabel

Esta comissão na sua ultima reunião
aprovou por aclamação a seguinte mo-
ção:

«A Comissão Paroquial de Santa Isabel
do P. R. P., congratulando-se com a
eleição do Ex.º Sr. Dr. Bernardino
Machado para a Suprema Magistratura
da Nação, certa de que o venerando ci-
dadão pelas suas incontestaveis virtu-
des civicas, esclarecida inteligencia e
indefectivel republicanismo, bem saberá
nesta hora de incertezas para a Re-
publica, honrar o seu mandato como
chefe do poder executivo, de molde a
nortear o mesmo numa integerrima e
patriotica linha de conduta, tão neces-
saria e hoje mais do que nunca á vida
da Republica e considerando que a mes-
ma eleição representa ainda um desa-
gravo ao inelicto cidadão vitima do de-
zembrismo de nefasta memoria, resolve
saudar Sua Excelencia com os protes-
tos mais veementes e sentidos de que
não tenha escolhos na sua vida presi-
dencial.»

A questão da Siria

LONDRES, 17.—Informam de Bey-
routh á Agencia Reuter, ter chegado
ali o Emir Tabor, neto de Abdalader,
que provinha de Damasco e que vinha a
fim de procurar uma mediação.

Teixeira Gomes

O ex-Presidente da Republica sr. Tei-
xeira Gomes embarcou ontem, pelas 14
horas, a bordo do paquete holandez
«Vels», acompanhado de suas filhas, para
Oran, onde vai passar o inverno.
Da Caxias para o cais de embarque,
no cais dos submersiveis, foi conduzido
num automovel da Presidencia da Re-
publica, seguindo para bordo num ga-
zolina da base dos submersiveis.

A despedir-se, compareceram os srs.
comandante Jaime Atlas, em nome do
sr. Presidente da Republica, dr. Domín-
gos Pereira e esposa, todo o ministerio
demonstrario, muitos parlamentares,
capitão Florentino Martins, Barreto da
Cruz, Viana de Carvalho, tenente Aran-
tes Pedroso e esposa, etc.

«No recorderis peccata
Neste triste encarcerado;
Que assás está castigado
Quem a fortuna maltrata
Em poder do seu prelado.»

Os motivos da fuga de Chi-
ado, do mosteiro, devem residir,
como acima dissemos, no seu
genio folgazão, na sua condi-
ção mundana, o que não era
para admirar, numa epoca em
que a mocidade se entregava.

A INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AO POETA

ANTONIO RIBEIRO CHIADO

Conforme temos noticiado,
é hoje que se inaugura, por ini-
ciativa do illustre vereador e
querido amigo desta casa sr.
dr. Alfredo Guizado, o monu-
mento a Antonio Ribeiro, co-
nhecido na sua epoca por o
«Poeta Chiado».

★ ★ ★

Segundo a opinião do gran-
de investigador do seculo XVIII,
Cunha Rivara, Antonio Ribe-
iro, depois conhecido pelo poeta
Chiado, nasceu de pais humil-
des nos arredores de Evora.
Com estas informações, como
até então, ficou-se ignorando
qual o verdadeiro lugar e qual
a certa data do nascimento do
poeta, mas alguma coisa pode-
mos concluir por estas trovas do
seu contemporaneo Afonso Al-
varez:

«Nasceste de regateira
E teu pai lançava solas;
Donde aprendeste parolas
E os anexins da ribeira,
De que cá tinhas escolas...»

E, mais adiante, insiste Afon-
so Alvarez:

«Assi que do sapateiro
não pode vir cavaleiro;
Nem de regateira pobre
Pode nascer filho nobre.»

Por estes e por muitos outros
passos, que se tornaria fastidio-
so enumerar, podemos concluir
a humilde origem do grande
poeta, que neste momento, se
glorifica.

Da data certa do seu nasci-
mento, nada se sabe; temos co-
nhecimento, apenas, que morreu
em Lisboa em 1591.

Foi primeiramente frade franci-
scano, mas, por motivo do seu
espirito folgazão, desregrado
mesmo, em breve pôs de parte
o habito.

A este proposito citemos ain-
da Afonso Alvarez, com quem
o nosso poeta sustentou rija
polemica:

«E tu queres ser rufião
e beber como francês»

Os franceses tinham nesta
epoca, fama de se desmandarem
no uso das bebidas.

Cunha Rivara, numa das suas
investigações sobre Antonio Ri-
beiro, observa que o motivo
de despír o habito de S. Fran-
cisco, foi, a avaliar pelos des-
manchos da sua vida, a não
observancia dos rigores da re-
gra seráfica.

Por isso foi preso, endereçan-
do então, ao seu commissario,
uma petição em que diz:

«Não recorderis peccata
Neste triste encarcerado;
Que assás está castigado
Quem a fortuna maltrata
Em poder do seu prelado.»

Os motivos da fuga de Chi-
ado, do mosteiro, devem residir,
como acima dissemos, no seu
genio folgazão, na sua condi-
ção mundana, o que não era
para admirar, numa epoca em
que a mocidade se entregava.

desbragadamente, a todos os
vicios.

Um tal frade não convinha á
ordem nem a ordem lhe convi-
nha a ele.

O seu valor já lhe era reco-
nhecido pelos seus contempo-
raneos:

O grande Camões estimava-o
e admirava-o.

A semelhança de condição, o
genio turbulento, a inclinação
para as letras, foram factores
que contribuíram para a ami-
sade entre o cantor dos *Luzia-
das* e o homenageado de agora.

Discipulo dos mais distintos
de Gil Vicente, Antonio Ribe-
iro Chiado conheceu a fundo a
vasta obra do fundador do
teatro português.

Como ele, compreendia a
missão elevada do verso, que,
no entanto, para agradar á po-
pulação, deixava, de ordinario,
desgarrar em chocarrices.

Na *Pratica das Oito figuras*,
diz-nos ele:

«Porque a trova, para ser trova,
Não presta se não fór fina,
Dedicada, cristalina,
Fundada em cousa nova,
Se assim fór, fica divina.»

E Antonio Ribeiro, como o
seu grande mestre, flagelava os
costumes desbragados da cõr-
te, tratava cruamente a devas-
sidade da igreja, conseguindo
impôr-se á consideração dos
seus contemporaneos.

Analizada a conta em que
Chiado era tido por Gil Vi-
cente e Camões, os dois gran-
des esteios da literatura portu-
guesa do século XVI, e partin-
do do principio que para co-
nhecer um autor, temos que
lhe saber a obra, resta agora
dizer alguma coisa sobre ela.

São numerosas as referen-
cias causticas á vida palacia-
na, aos enredos e intrigas da
cõrte:

«O' paço, ó paço, em diria
Que és teozouro de maldades,
Pois nos gastas as idades,
No melhor da manecbia.
Vós, meu senhor cavaleiro,
Estimai-vos de paço,
Pois ou tarde ou temporão
Virás a morrer em palheiro
E não vos enterrarão.»

E ainda este passo, em que
Chiado, seguindo a pegada do
Mestre, ataca cruamente, o
cõrte:

«Sim, á fé;
Sêde cõnego da Sé
E tereis vida segura.
Vamos aos religios,
Deixemos cá o legal,
Quasi todos, em geral,
Os achais ser zubiçozos,
Que não pode ser mór mal;
E em suas pregações
Despregam o mundo em feros,
E alguns são lobos méros,
E diabos nas tenções.
Porque a sua consciencia
Mete-se ali numa lapa,
Não quer bispados nem papa,
Senão aquela consciencia
Da gloria que tudo rapa.
Assim que vejo religiosos
Madrugarem por bispados,
E qui os mais estimulados,
A' vezes são mentirosos.
As suas obras são hoje rap»